

NO CENTRO DA MARGEM: UMA ANÁLISE SOBRE A CRÍTICA LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA

Amanda Maria Garcia Holgado de Oliveira¹

Resumo: Através de uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC) com periódicos acadêmicos sobre literatura, levantaram-se dados sobre o que se tem pesquisado na academia brasileira. A partir desses dados, teve-se que a maioria dos artigos lidos foi produzida por mulheres em contraposição à minoria de autoras citadas no corpus. Tendo isso como base, nesse artigo pretende-se analisar sob quais perspectivas teóricas e críticas quatro artigos selecionados da pesquisa estudam as obras de autoras. Os artigos foram selecionados a partir do quadro da pesquisa da quantidade de artigos sobre cada autor/a por revista. Estes são das quatro primeiras autoras presentes nessa lista, em meio a grande quantidade de autores homens.

Palavras-chave: crítica literária; literatura brasileira contemporânea; autoria feminina.

A pesquisa de dados realizada pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC), sob orientação da professora doutora Regina Delcastagnè (UnB), a partir do projeto “A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos” teve como objetivo entender as conformações da crítica literária acadêmica no Brasil nos últimos quinze anos, em que se foi feita análise de artigos publicados em periódicos reconhecidos e representativos da área.

A seleção dos periódicos foi feita pelo *ranking* de classificação acadêmico brasileiro, o *Qualis* da CAPES, segundo sua última atualização, em 2012. Devido ao grande número de revistas da área de Letras, foram selecionadas as que obtiveram nota A1. O recorte buscou também as publicações cujo interesse fosse, de fato, a literatura (mesmo algumas alternando seus números entre literatura e linguística). Além do mais, o foco da pesquisa se voltou para literatura brasileira, evitando, assim, revistas centradas em literatura estrangeira.

Pensou-se inicialmente em abarcar periódicos de todas as regiões do país, porém, Norte e Nordeste ainda não possuem nenhuma revista classificada como A1 no *Qualis* Capes. Sendo assim, optou-se por incluir as duas revistas das Associações da área (ABRALIC e ANPOLL) em seu lugar, compreendendo que elas reúnem,

¹Mestranda em literatura na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: amanda.holgado@gmail.com

necessariamente, produções das diferentes regiões. Um outro quesito foi considerar periódicos que já estivessem em atuação desde antes de 2000.

A revistas selecionadas foram:

Do Sudeste:

- Minas Gerais: *O Eixo e a Roda* (UFMG) e *Ipotesi* (UFJF)
- Rio de Janeiro: *Gragoatá* (UFF)
- São Paulo: *Literatura e Sociedade* (USP) e *Itinerários* (Unesp-Araraquara)

Do Sul:

- Rio Grande do Sul: *Letras de Hoje* (PUC-RS)

Do Centro-Oeste:

- Distrito Federal: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* (UnB)

Das Associações:

- *Revista da ANPOLL* e *Revista Brasileira de Literatura Comparada* (ABRALIC)

Foram cerca de 200 edições de revistas e computados 3085 artigos.

O levantamento de dados foi feito com suporte no preenchimento de uma ficha e os artigos eram analisados e averiguados em duplas. A ficha incluiu a identificação do artigo, dados sobre os autores (instituição, sexo², geração, área disciplinar), sobre a temática (se é literatura ou não, ou somente teoria), se é brasileira, em qual momento temporal se localiza (se contemporânea ou não), a abrangência (se monográfica, comparativa ou panorâmica) e a bibliografia citada. Indicou ainda o tipo de enfoque (exclusivo no objeto, mais histórico ou mais sociológico, filosófico, voltado para estudos da Psicologia, ou ainda, relação com outras artes e mídias). Constou-se também a coleta dos resumos e palavras-chave, e os autores citados na bibliografia de todos os artigos. Todos esses dados foram lançados no software estatístico *Sphinx Lexica*.

² No questionário de preenchimento sobre autores/as dos artigos utiliza-se o termo *sexo* para marcação biológica (feminino / masculino). Leva-se em consideração o nome do/a autor/a e as informações pertinentes encontradas através de pesquisa no Currículo Lattes na Plataforma *Lattes* – CNPq. No restante do artigo, considero feminino / masculino segundo as considerações das tecnologias do gênero de Lauretis(1987), as quais se fundamentam na essencialização da diferença e na oposição de conceito entre o masculino e o feminino, base do sistema sexo-gênero, sendo construídas socioculturalmente e mecanismo para as assimetrias através de tecnologias que garantem a sua reprodução.

A partir desse levantamento estatístico pôde-se fazer um recorte sobre literatura e gênero, dentre tantos outros possíveis. Os resultados são, sobretudo, reflexos culturais e sociais, que compõem a crítica no meio acadêmico e o reconhecimento do campo literário brasileiro.

Com base nessa análise verificou-se que as mulheres são a maioria entre as autoras publicadas nas revistas, porém isto não se dá igual no número de escritoras analisadas nos textos, quanto menos no número de críticas ou teóricas citadas nas referências bibliográficas dos artigos. Predominantemente, nos dois casos, são mais citados os autores.

Nas tabelas abaixo, é possível identificar tais valores:

Tabela 1: Quantidade de pesquisadores/as autores/as dos artigos por sexo (2000-2014)

Feminino	1779	57,67%
Masculino	1306	42,33%
Total	3085	100%

Fonte: Pesquisa “A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos”.

Tabela 2: Quantidade de autores/as citados nos artigos por sexo (2000 – 2014)

Sem resposta / Nenhum ³	974	31,57%
Feminino	285	9,24%
Masculino	1648	53,42%
Ambos	178	5,77%
Total	3085	100%

Fonte: Pesquisa “A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos”.

Para além dos números, a primeira observação que se faz é em relação à estabilidade e à manutenção do cânone literário, pois aparecem nas primeiras posições nomes de escritores como Machado de Assis e Graciliano Ramos, teoricamente Antonio Candido e Walter Benjamin. O caso aqui não é de desqualificar a obra e a importância desses autores, mas atentar para o fato de que existe literatura sendo produzida, mas por questões que reafirmam mecanismos do campo literário, como ou por consequência de questões sociais do âmbito público e privado são silenciadas, preteridas, como é o caso, estatisticamente comprovado na pesquisa dos periódicos, da literatura de autorias

³ Sem resposta / nenhum corresponde aos artigos analisados de maneira panorâmica, que muitas vezes pela grande quantidade de autores listava-se na ficha de preenchimento como “diversos”.

feminina, negra, transgênero e outras, e no âmbito teórico, a crítica sob perspectivas feminista ou pós-colonial, por exemplo. Segundo Terry Eagleton (2006):

Trata-se, por fim, de uma questão de relações de poder entre a instituição acadêmico-literária, onde tudo isto ocorre, e os interesses da sociedade em geral, cujas necessidades ideológicas serão servidas, e cujo pessoal será reproduzido pela preservação e ampliação controlada do discurso em questão. (EAGLETON, Terry. 2006, p. 307)

Identificando tais questões, remete-se, aqui enquanto foco principal, à história e às construções hierárquicas sociais que suprimiram das mulheres voz, participação no espaço público e direitos, conseqüentemente o espaço literário também foi vetado, passa, portanto, a ganhar visibilidade através do “empenho da crítica literária feminista – fruto direto do feminismo enquanto movimento social e político”, conforme expõe Virgínia Leal (2008).

No Brasil, essa articulação entre mulheres, que objetivavam intervir nas práticas sociais sendo reconhecidas, teve seu início ainda cedo quando se pensa na mentalidade escravocrata e patriarcal instaurada no país.

Conforme um levantamento de autoras com trabalhos publicados de crítica na área das letras e das artes, feito por Heloisa Buarque de Hollanda e Lucia Nascimento Araújo, em 1993, intitulado *Ensaístas Brasileiras*, em 1897, Inês Sabino Maia publica *Mulheres ilustres do Brasil*. O livro reúne autoras mulheres e teve sua importante contribuição para o debate que se fazia presente à época sobre os novos papéis da mulher na sociedade e a possibilidade efetiva de entrada na vida pública. Neste levantamento aponta-se ainda outras publicações listadas, que permeiam os primeiros anos na nova década, e nas décadas seguintes 20, 50, 60, 70, 80.

Segundo as autoras, nessas obras pioneiras da prática da crítica feminina “o eixo central da preocupação era com a lógica do ‘silenciamento’ na construção da série literária marcando uma tendência, de claro acento político, em denunciar e tentar romper com a estigmatização da presença feminina da literatura” (HOLLANDA e ARAÚJO, 1993, p. 15).

Esses trabalhos, organizações de dicionários, coletâneas bibliográficas, teses, publicações se esforçaram para tirar as mulheres desse limbo, fazendo com que se evidencie a forma marginalizada que se realizou o pensamento crítico feminino, porém

há aí um questionamento: por que as autoras e críticas literárias continuam à margem nas estatísticas sobre o campo literário?

Em “Refutações ao feminismo”, Rita Terezinha Schmidt apresenta argumentos que justificam o fato que dá nome ao seu artigo, ou seja, o porquê de os avanços do feminismo acadêmico serem ignorados, um deles é que pode se considerar “uma estratégia para evitar trazer ao pensamento a opressão das mulheres e a contribuição epistemológica do feminismo para a redefinição da subjetividade e da socialidade” (SCHMIDT, 2006, p. 767-768) e o que seus ideais suscitam. Outro argumento de Schmidt é que certas matérias e artigos se

sustentam sob as mesmas bases ideológicas na medida em que produzem efeitos discursivos derivados de uma mesma matriz hegemônica que é a misoginia, cujo intento sempre foi o de normatizar, regular e controlar o espaço, os papéis e as intervenções das mulheres na vida social. (SCHMIDT, 2006, p. 770)

Pode-se tirar daí a convergência das ideias supracitadas de Eagleton, Heloisa Buarque e Lucia Nascimento, Rita Terezinha Schmidt e os resultados da pesquisa “A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos”.

Partindo desses princípios, apresento abaixo a quantidade de artigos escritos sobre as quatro primeiras autoras que aparecem na lista dos/as autores/as do corpus, de abordagem monográfica – artigos que trabalham com apenas um/a autor/a.

Tabela 3: Quantidade de artigos por revista das autoras citadas no corpus – abordagem monográfica

Autoras Revistas	Estudos	Gragoatá	Ipotesi	Itinerários	Letras de Hoje	Literatura e Sociedade	O Eixo e a Roda	Revista da ABRALIC	Revista da ANPOLL	TOTAL
Clarice Lispector	6	2	3	2	3	1	3	5	1	26
Carolina Maria de Jesus	4	0	2	1	0	0	0	0	0	7
Cecília Meireles	0	0	0	1	5	0	1	0	0	7
Hilda Hilst	4	0	0	1	0	0	0	1	0	6

Selecionei somente as quatro primeiras autoras que aparecem nesse recorte, e somente um artigo sobre cada uma delas, cada um de uma revista, e na tentativa de buscar características comuns à época de escrita deles, foram selecionados os artigos mais recentes publicados sobre cada autora, pelo recorte da pesquisa, então entre os anos 2011 e 2014.

Um conjunto de análise muito pequeno, diante de tantos artigos, mas possível para apontar características que reforçam essa condição de apagamento da literatura de autoria feminina e as “refutações ao feminismo”.

Da primeira autora, Clarice Lispector, o artigo analisado “O diabo provavelmente: luto e cisão comunitária em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, escrito por Emílio Maciel da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, foi publicado pela revista *O eixo e a roda*, v. 22, n. 1, dossiê “Leituras do Romance Brasileiro”, no ano de 2013.

O artigo aborda as “estratégias intrusivas e autodesqualificadoras” (MACIEL, 2013) do narrador Rodrigo S.M. no livro *A hora da estrela*, em que narra a história de Macabéa, uma jovem nordestina vivendo em uma “cidade feita toda contra ela”, palavras de seu narrador. Emílio Maciel, portanto, dimensiona as insensibilidades desse narrador que em nenhum momento do romance dá voz à sua protagonista, mesmo que o autor do artigo reconheça essa característica do narrador, a questão do gênero aí não é abordada.

O autor do artigo questiona as posições do narrador em relação a sua personagem, considerando uma arrogância e prepotência em Rodrigo S.M., mas também uma confusão mental presente nele em relação à Macabéa:

Capaz de contrair e dilatar a seu bel-prazer a velocidade da história, num registro que conhece talvez seu momento mais forte na longa suspensão que assinala a morte de Macabéa, trata-se de uma voz que – com sua compulsão a interromper o curso dos fatos para comentá-los – não faz qualquer esforço em disfarçar sua falta de gentileza com a protagonista, tratada por vezes como um carretel a ser arremessado e puxado de volta ao sabor dos instáveis humores de seu demiurgo. Em não poucas passagens do livro, aliás, é um demiurgo que mal consegue segurar a vontade de livrar-se em definitivo do seu brinquedo incômodo. (MACIEL, Emílio. 2013, p.134)

Considerando ainda o propósito investigativo desse trabalho, o aporte teórico do artigo citado é composto por teóricos ligados aos problemas de classe, como Adorno,

Roberto Schwarz, e ligados à psicologia e à filosofia, como Freud e Deleuze, respectivamente.

Passando para a segunda autora, Carolina Maria de Jesus, o artigo analisado “A censura ao direito de sonhar em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus”, por Luciana Paiva Coronel da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, foi publicado pela revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 44, dossiê “Literatura e Estudos Culturais”, no ano de 2014.

O artigo de Luciana Paiva Coronel trata de uma autora que teve maior visibilidade crítica recentemente, pois seu trabalho vem sendo resgatado. No artigo em questão há questionamentos sobre a visibilidade da autora na época de lançamento de seu livro atendendo às demandas mercadológicas, mas posteriormente sendo novamente apagada. São tratadas as questões de alteridade, desigualdade, racismo, violência, questões ligadas aos estudos pós-coloniais e de representação.

Considera diversos aspectos referentes ao papel da mulher, negra e catadora de papel enquanto escritora, considerando a pluralidade da identidade de Carolina Maria de Jesus, porém segundo Coronel (2014), a autora citada no artigo não possuía essa consciência de gênero, segundo Coronel, Carolina:

Sempre se viu como autora, desdobrando, a partir desse papel, seu perfil identitário feminino mais essencial, um perfil que cabe ainda ser mais bem delineado.[...] As palavras sempre foram a única arma de que dispunha, porque constatou desde a infância que eram “afônicos” os negros (Jesus, 2007b, p. 40) e os pobres (Jesus, 2007b, p. 248) que conhecia. As mulheres poderiam ser agregadas ao grupo dos “sem voz” por ela identificado, mas essa consciência de gênero ela não possuía. (CORONEL, Lucina Paiva. 2014, p. 285)

Nesse ponto, discordo de Luciana Paiva ao dizer que Carolina não possuía essa consciência de gênero, por pensar, historicamente, que sendo ela negra e pobre, o fato de ser mulher é uma afonia a mais.

A autora Cecília Meireles, cujo artigo sobre ela se intitula “A memória dos Açores na escrita de Cecília Meireles”, escrito por Ana Maria Lisboa de Mello, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, publicado pela revista *Letras de Hoje*, v. 47, n. 4, dossiê “Brasil e Portugal”, no ano de 2012.

O artigo de Ana Maria Lisboa de Mello, trata da ligação de Cecília Meireles com Portugal, devido à sua criação com a avó portuguesa, menciona alguns poemas de Cecília que tratam dessa temática, ligado ao imaginário, à presença do mar, metaforizando mistério, profundidade, representando o tom metafísico da poeta.

O artigo não faz nenhuma alusão ao gênero da autora ou ao fato de ser uma literatura de autoria feminina. O embasamento teórico é voltado para os conceitos poéticos.

Em Hilda Hilst, o artigo se intitula “Hilda Hilst e a (im)possibilidade de (se) dizer”, de Nilze Maria de Azeredo Reguera, da Universidade Estadual Paulista – UNESP Araraquara, publicado pela revista Itinerários, n. 32, dossiê “Literatura Contemporânea”, no ano de 2011.

O artigo trabalha o primeiro livro em prosa da autora, *Fluxo-floema*, que, assim como em *A hora da estrela*, tem como narrador um homem, “Osmo”, a diferença é que aqui é em primeira pessoa. E seu artigo também vai focar no narrador, este que se mostra, mas que não cumpre com as expectativas, frustra o leitor. Também são levantadas as questões sobre o que se deve narrar, suscitando o famoso trabalho de Walter Benjamin sobre o tópico.

O livro é lançado no contexto da ditadura militar, e para Nilze Maria de Azeredo Reguera

no contexto sociopolítico da ditadura militar (1964-1985), Hilda elaborou, assim, um conjunto de textos que, em sua oscilação, tematizam e incorporam tanto a impossibilidade quanto a necessidade de se narrar ou de se manifestar, deixando ver o próprio narrar ou o verbalizar de uma perspectiva falaciosa, por vezes irônica, e, por ir se acirrando ou se radicalizando, destoante do que era a tendência dominante. Ao ter o paradoxo em sua estruturação e em sua tematização — o narrar como (im)possibilidade —, e ao focalizar o papel do escritor e o do leitor de uma perspectiva problematizada, o texto de Hilda desestabiliza, inclusive, o papel e a voz autorais. (REGUERA, 2011, p.40)

No presente artigo, as questões relacionadas a autoria ou teorias ligadas ao feminismo também não estão presentes.

Considerando, em síntese, as questões gerais levantadas de cada um dos artigos selecionados, coloco que também se constrói um centro dentro das margens, pois o fato de autoras como Clarice Lispector, Cecília Meireles e Hilda Hilst, já estarem em uma

posição mais consagrada dentro da instituição literária implica uma neutralização crítica de questões diversas, analisa-se a obra pela obra, sem necessidade de evidenciar um pertencimento das autoras, o local de onde vem.

Como no caso de Carolina Maria de Jesus, que ao ser abordada precisa ser identificada dentro de um *locus* específico, ressaltando a ideia de uma condição inferior, no caso diferentemente da análise feita em Cecília Meireles, como herdeira saudosa dos ares e mares portugueses. Pensando ainda na relação de Carolina de Jesus com a literatura, segundo Regina Dalcastagné (2007), a autora já possuía uma consciência de suas desvantagens histórico-sociais para ser reconhecida como escritora, e diz que

Essa consciência a que me refiro não aparece, é obvio, de forma explícita – vincula-se àquele sentimento cruel de “saber do seu devido lugar”, que subsiste mesmo entre os que se recusam a aceitar tais limites –, mas está presente em determinados constrangimentos impostos ao próprio discurso. Constrangimentos que não caberiam em obras de autores como Clarice Lispector ou Rubem Fonseca, por exemplo, que não têm porque justificar, ao menos não de forma imediata, sua escrita, e tampouco precisam recorrer a gêneros como “diários” ou “testemunho” para respaldar suas narrativas. (DALCASTAGNÉ, 2007, p. 23)

Diante disso, chega-se a um ponto de valoração da literatura, reconhecendo que há um lugar específico de onde se ouve, controla e legitima o processo de reafirmação das tradições literárias.

Reitera-se, aqui, que mesmo ocorrendo uma distinção dentro do campo da literatura de autoria feminina, o fato de ser feita por mulheres continua sendo de maneira geral um obstáculo como reconhecimento dentro do cânone, como afirma Rita Terezinha:

Pela lógica da exclusão, há uma internalização do valor canônico no pleito de um cânone paralelo, menor porque estará sempre à sombra do cânone oficial, um lugar guetizado que ratifica a exclusão e, portanto, sem força de intervenção crítica, pois nele o valor não é tensionado mas absolutizado na essencialização da diferença. (SCHIMDT, 2012, p.68)

Sendo assim, e considerando a literatura um meio de fortalecimento de práticas sociais, poder, emancipação de si e de ideias, destaca-se a importância do questionamento diante das narrativas eliminadas do campo da investigação histórica e literária.

Tratar dessa questão no presente significa a possibilidade de uma intervenção transformadora nos discursos nacionais da cultura com implicações sobre as maneiras pelas quais entendemos como os imaginários sociais foram produzidos e como as identidades e tradições nacionais foram estabelecidas. (SCHMIDT, 2012, p.64-65)

Em consonância com Schmidt, considera-se necessária contestação ao estabelecimento de discursos excludentes ou que nunca ponderaram possibilidades de alteridade no campo literário.

REFERÊNCIAS

Corpus analisado

CORONEL, Luciana Paiva (2014). **A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 44, p. 271-288. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40184412>

MACIEL, Emílio (2013). **O diabo provavelmente: luto e cisão comunitária em 'A hora da estrela', de Clarice Lispector**. *O Eixo e a Roda* (UFMG), v. 22, p. 133-153. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/5582>

MELLO, Ana Maria Lisboa de (2012). **A memória dos Açores na escrita de Cecília Meireles**. *Letras de Hoje* (Impresso), v. 47, p. 381-386. Disponível em: <http://bit.ly/2il6sUy>

REGUERA, Nilze Maria de Azeredo (2011). **Hilda Hilst e a (im)possibilidade de (se) dizer**. *Itinerarios* (UNESP. Araraquara), v. 32, p. 27-43. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/4574/3976>

Outros

DALCASTAGNÈ, Regina (2007). **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea**. *Letras de Hoje*, v. 42, p. 18-31.

EAGLETON, Terry (2006). **Teoria da literatura: uma introdução** / Terry Eagleton i tradução Waltensir Outra . 6" ed. - São Paulo: Martins Fontes.

HOLLANDA, Heloisa Helena Oliveira Buarque de (1993). **Ensaístas brasileiras**. Rio de Janeiro: Rocco.

LAURETIS, Teresa de (1987). **A tecnologia do gênero**. Technologies of gender, Indiana University Press, p. 1-30.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (2008). **As escritoras contemporâneas e o campo Literário brasileiro: uma relação de gênero**. Tese de doutorado — Universidade de Brasília. Brasília.

SCHMIDT, Rita Terezinha (2006). **Refutações ao feminismo:(des)compassos da cultura letrada brasileira**. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, p. 765-799.

_____ (2012). **Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção**. *El Hilo de la Fábula*, v. 10, p. 59-74.